



O CONVENTO DE PENHALONGA.

Nas faldas da serra de Cintra para a parte do sul dilata-se um ameno valle, chamado a Ribeira de Penhalonga. N'este sitio, aprasivel por tantas frescuras de aguas e arvoredos, e encantador por tão pittorescos accidentes de terreno, fundou-se o primeiro convento que teve a ordem de S. Jeronymo em Portugal, ao qual se deu a invocação de Nossa Senhora da Saude, posto que ficou vulgarmente mais conhecido pelo nome, que tirou da ribeira visinha.

Fr. Vasco Martins, ou segundo outros, Fr. Vasques Monteiro, da familia dos condes de Santa Cruz, junto com mais dous companheiros, que faziam vida eremitica, tendo alcançado a necessaria auctorisação do papa Bonifacio IX, e do nosso monarcha D. João I, deu principio a esta fundação no anno de 1355. Pequeno e acanhado em seu começo, não tardou a crescer e engrandecer-se por impulso real. Concorreu muito D. João I para o acabamento da obra, mas os reis D. Manuel, D. João III, D. Sebastião, e D. Henrique, bem como o infante D. Luiz, ou fizeram reedificações completas, ou levantaram novas fabricas com que o augmentaram consideravelmente. A el-rei D. Manuel coube a tarefa da reconstrução da igreja, que seu filho D. João III concluiu tal como hoje a vemos. Aos outros principes, que

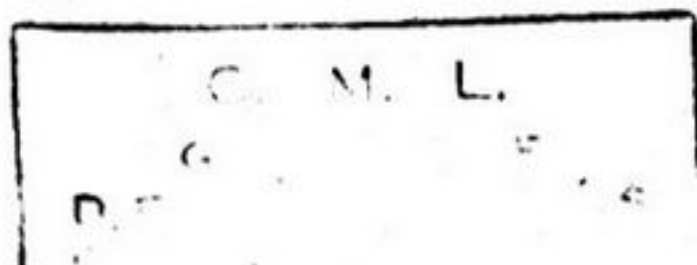
mencionámos, deveu este convento alguns laços de dormitorios, e varias capellas, jardins, fontes e lagos com que lhe ornaram a cêrca. Tambem alguns particulares, entre outros o nuncio do papa, chamado Zambucano, e o marquez de Cascaes, lhe fizeram obras de commodidade e adorno.

Gosou por muitos annos este convento de grande celebridade. Davam-lh'a a devoção, que inspirava como santuario, e as bellezas com que a natureza o cercára, e tambem as continuas visitas e assistencia, que todos aquelles principes ahi faziam, levados por esses dous poderosos motivos. Para este fim edificou D. Manuel junto ao convento um pequeno palacio, a que se deu o nome de hospedaria, e que D. Pedro II restaurou.

Vendido pelo estado, logo depois da extincção das ordens religiosas em 1834, passou este convento e cêrca a ser propriedade de particulares. Desde então tem tido varios possuidores.

A igreja mostra maior antiguidade no interior do que exteriormente, pois que todas as obras externas pertencem á epocha do *renascimento*, logo que se introduziu n'este paiz o estylo classico da architectura.

É o templo de uma só nave com abobada de laçaria de pedra, que se sustenta sobre meias colum-



nas embebidas nas paredes. Tem cinco capellas, cujos retabulos são pinturas muito antigas. A capella-mór está edificada em fôrma de cruz, e é corôada por uma cupula em que se abrem oito janellas. Sobre este zimbório avulta exteriormente uma estatua em marmore do Archanjo S. Miguel, empunhando a espada na mão direita, e na esquerda o escudo em que tem gravadas as letras Q. U. D. — *Quis ut Deus.*

A' entrada da capella-mór vêem-se sobre peanhas os quatro Evangelistas, e cinco estatuas de marmore, representando Apostolos. Por baixo d'estas, de um e outro lado, estão vinte e dous cenotaphios mettidos na parede.

O edificio do mosteiro tem tido muitas alterações desde a suppressão das ordens. Tanto n'elle como no templo ha varias inscripções gothicas, que attestam a sua antiguidade. Uma, collocada junto da porta principal do convento, diz: «Na era de 1627 em o 1.º de dezembro ao meio dia houve uma cheia, que alagou todo este convento até a altura d'esta pedra.» (São mais de seis palmos.)

A cêrea é extensa, e pela maior parte plana. Po-voam-a muito e annoso arvoredos, e cortam-a dous ribeiros, que a fazem summamente aprasivel. Conta além d'isso varios lagos e fontes, e duas ermidas, uma de Nossa Senhora da Annuccião, obra do cardeal rei; e outra de S. João Baptista, fundada pelo nuncio Zambucano, que esteve n'este reino em tempos de D. João III.

Não offerece este mosteiro ao viajante sumptuosidades, que o surpreendam, nem excellencias de arte, que o maravilhem. Mas bem pago o deixa da visita pelo interesse historico, que encerra, pelos encantos da paisagem, que o rodeia, e emfim pela poesia que tudo isto inspira. As *hospedarias*, onde o rei Afortunado foi encerrar-se para passar o nojo da rainha D. Maria, sua esposa; as casas que foram livraria e cella prioral, onde muitas vezes habitaram os reis D. Sebastião e D. Henrique, e o infante D. Luiz; o pequeno pomar chamado o *Jardim do Cardinal Rei*, com as suas fontes das *Lagrimas* e de *Moyses*, tão predilectas do cavalleiro D. Sebastião, que ás vezes junto d'ellas almoçava; outro pomar, denominado em tempos de D. Manuel *Jardim das Damas*; são logares cheios de recordações de principes, que illustraram o nome portuguez com tantas glorias, e de outros que arremegaram o paiz a um abysmo. No templo, no mosteiro, e na cêrea tudo falla ao espirito e ao coração do historiador, do philosopho e do poeta.

I. DE VILHENA BARBOZA.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XV.

Como debaixo dos pés se levantam os trabalhos.

A sua existencia em Coimbra foi um romance de desaforos e devassidões; um romance *picaro* na extensão do vocabulo hespanhol. Entretanto D. Muninho grangeou tão dilatada reputação, e caiu de tal modo nas affeições populares, que seriamente principiou a occorrer-lhe, que tudo isto podia vir a acabar em ser pendurado em logar alto para conver-

são das virtuosas pessoas do seu officio, e alegrão dos farricoucos e beatas que o apontavam com o dedo, como seductor, ratoneiro, truhão e herege.

O negocio ia-se tornando feio, e o nosso amigo tratou de pregar uma peça aos devotos, e ás desdentadas Suzanas de Coimbra. Um dia roubou o diabo.

Roubar o diabo!?!... Porque não! roubou-o; metteu-se leigo. Mas o habito não faz o monge? Assim é. E por isso mesmo, com habito ou sem elle, D. Muninho continuou na escola da velhacaria. O seu fim era montar-se nas ancas do verdugo, e enforcar o demonio com a volta de corda, em que elle lhe ia enrolando o pescoço.

Para esta grande obra o ex-almudeiro sacrificou-se a não frequentar as tendas de vinho. Entaipado na igreja, desde que as portas se abriam, esperava para sair que ellas se fechassem. Quando lhe pareceu, deitou-se aos pés de Fr. Munio, confessou-se com elle, esbofeteou os vicios e peccados do seu desregrado viver, e tanto se carpiu, e tanto se choçou, timida ovelha exposta ás tentações do mundo, que o monge com o santo prazer de ter arrancado aquella victima ao inferno, admoestou-o gravemente para que fugisse dos perigos do seculo, e resgatasse com a penitencia do ermo tantos annos de cegueira. Era o que D. Muninho desejava. Com o escapulario de S. Bernardo os farricoucos, as beatas, os alvasis, e o carrasco haviam de roer as velhacadas, que soubesse engenhar. Quatro mezes depois, os Senecas da cidade abanavam as orelhas, vendo-o caminhar de capuz baixo atraz do seu virtuoso protector.

Dentro do claustro a hypocrisia substituiu o descaramento. O retracto, que o chronicon Laurishamense nos deixou dos Barbatos parece copiado d'este exemplar. «Barbas de bode; costumes asquerosos; soberbos e devorados de cubiça. Hypocritas, arrogantes, e embaídores.» Fr. Trolho possuia a quinta essencia d'estas prendas. Nas viagens, arremedando a sincera religião do veneravel Fr. Munio, o Tartufo fartava-se de regaladas cêas e de bons jantares. No mosteiro teve artes de penetrar no *limbum patrum* da despensa e da adega, cegando os olhos do argos que vigiava a primeira, e embuxando as goellas do cerbero que vedava a segunda. Espichou as cubas monumentaes; limpou as arcas do abbadê; enguliu os mais gulosos acepipes reservados ao paladar do reverendo padre em Christo; e ainda por cima atreveu-se (o impio!) a ser o açoute dos irmãos encarregados d'estes importantes ministerios. Andou tudo n'um rodopio na santa casa. Os padres-conscriptos murmuraram do abbadê; o abbadê teve accessos repetidos de rheumatismo gotoso, e n'um d'elles quiz abdicar; e os dous despenseiros benziam-se, e deitavam as culpas ao demonio, requerendo exorcismos e bençãos para a adega. No meio do barulho o nosso amigo ia creando cada vez mais roscas nas duas barbas, e arredondando um ventre accusador do seu profano amor aos prazeres carnaes.

O segredo reduzia-se a pouco. D. Muninho entre outras artes liberaes aprendêra o officio de ferreiro; e os desgraçados frades fechavam a uma chave o que elle abria com outra.

Demorámo-nos de mais com o Barbato, não podendo resistir ao gosto de cantar os seus louvores. Agora apressemos o passo, para vêr onde está o sr. D. Zuleima, thesoureiro d'el-rei D. Affonso.

Era tal a importancia do seu cargo, assim o julgava elle pelo menos, que nomear-se e escancararem-se as portas, foi tudo o mesmo. Se o rabino soubesse, que havia ordem geral de negar pousada n'aquella noute, talvez fizesse algum reparo na honrosa excepção.

Mas onde está elle, este querido Zacarias Zuleima? Eil-o que chega justamente; com aquella physiognomia é fallas dôces, que revestiram sempre o agiota plebeu e burocratico de um certo que, aonde reside a individualidade do typo.

Como vem guapo! De seus dous pagens ao lado, de sua escolta á Sully pegada á cauda! Nos cumprimentos com que ensurdeciam o judeu, nos obsequios de que o moiam, nada era serio. Para qualquer se convencer, bastava que visse as olhadellas de escarneo, que o sr. Vasco Lourenço deitava ao sr. Fernão Pires. Era uma comedia soffrivelmente representada.

Compondo-se a exemplo dos pagens, a turba dos serviçaes mostrava o maior respeito ao hospede, cuidando que tal seria a verdadeira tenção do alcaide. O tropel dos passos, e a união das vozes levantavam um alarido formidavel. No meio d'este cortejo, e arrastado n'elle, D. Zuleima passou diante da cozinha, namorando o bom fogo da lareira. Empurrado com dôce violencia, e a tiritar de frio, foi levado porém ao aposento, em que Fr. Muninho dormia a somno alto.

A tropiada era capaz de resuscitar um defunto. O estremunhado Barbato abriu os olhos e fechou-os, cegos da claridade das tochas. No alvoroço do susto, atirou consigo ao chão para não ser colhido em flagrante de leza-penitencia.

— «Deus seja... comvosco,» murmurou elle ao mesmo tempo que esfregava os olhos.

O comvosco acabou-o no sobrado aonde se estatelou. O habito embrulhou-se-lhe nos pés, e fez-lhe dar uma queda memoravel. Por cumulo de infortunio, como succede aos que vão cair, agarrou-se á primeira cousa que viu, e a arca vasia tombou-se-lhe em cima de uma perna. O frade não pode levantar-se.

— «Os demonios te levem!» gritou praguejando, como o melhor bêteiro.

— «Amen!» respondeu compungido Fernão Pires, acudindo a sua caridade.

As gargalhadas, os ditos chulos dos circumstantes, e a consciencia do tristissimo papel, que estava fazendo desorientaram a cabeça ao filho de S. Bernardo. Apenas lhe tiraram a arca, ergueu-se coberto de suor, e com tal pieira no peito que não podia respirar. Mediundo os espectadores com a vista ameaçadora, procurou debalde o cinto do habito, que fluctuava solto, como amarrotada camisa de banheiro.

— «Estou em casa de christãos?» perguntou por entre a tosse e o pigarro.

— «Estaes em terra de judeus, santo leigo, como podeis vér, volvendo os olhos do céu á poeira que pizaes.»

E fallando assim Vasco Lourenço, no meio de profunda genefluxão, grave e imperturbavel, beijava-lhe beatamente a manga do habito.

Quando acabou, uma risada geral resouu na sala á custa do leigo, que tremia de raiva. O Barbato, alvo do escarneo publico, sentiu arrepios de renovar a aventura do clerigo de Braga, litographando o gracejador imberbe na parede com um pontapé. Mas calculou que apesar da largura o corpo seria pequeno para os agradecimentos. Por isso, como prudente resignou-se a ficar só com o desejo. O mais assisado era disfarçar e não provocar maiores injurias com amuos e violencias. Contudo, tomando essa resolução, sempre marcou o sr. Vasco Lourenço para ou cedo ou tarde, em logar oportuno, lhe mostrar eterna gratidão.

O leigo sacudia-se. espanejava-se. e não podia achar

um cordão para o habito. O judeu despia a capa de lâ forrada de pelles de cordeiro, e desafrentava a cabeça do amplo sombreiro que a resguardava. De tudo escorria agua em fio como das cumeadas de um telhado.

Tratava-se de ceiar. D. Zuleima abria a bôca até ás orelhas com eternos bocejos de fome. O leigo suspirava de debilidade. A boa hospedagem não podia demorar o acto importante, que por todos se reclamava. Fernão Pires foi o orador da fome. E com tanto successo elogiou as doçuras da comida sobria, que de o ouvir, crescia a agua na bôca aos clientes.

Vasco Lourenço meneava a compasso o pescoco, profundamente commovido com a rhetorica do seu amigo. D'ahi a um instante esgueirou-se, e principiou a farejar pela cosinha. Contam que entre elle e o erudito Estevão Alho se travou um dialogo admiravel, que se chegasse ao nosso tempo, enriqueceria a «Arte de Cosinha» ainda a escripta por algum par do reino. Desgraçadamente perdeu-se.

Os serviçaes estendem na mesa os mantens, ou toalhas. Põem os pratos e as taças de estanho luzente. N'aquellas eras de simplicidade não se conheciam outros ornatos até nos fastuosos banquetes. Cada convidado tinha um garfo de cinco dentes na mão que enterrava nas entranhas dos guisados, e assoprava com donaire para a enchugar dos molhos. O punhal pendente do cinto servia de faca. Moda economica, com a qual viajava cada um com metade do seu taller! Arrumando os escanhos segundo as ordens de Fernão Pires contaram-se dous logares sómente um a par do outro. A final atraz de Vasco Lourenço entraram dous servos com uma larga escudella, fumegando dentro um manjar de forçura, dobrada, e pés de vacca. Em um vaso de barro collossal, de duas azas, continha-se o nectar. A alegria brilhou no rosto dos dous commensaes de Santa Olaia.

O Barbato correu a lingua pelos beiços, e a vista namorada ia do cangirão á escudella, e da escudella ao cangirão com ineflavel ternura. Entretanto os acenos de Vasco Lourenço não o arrancavam de cima da arca, aonde se assentára. Olho na dobrada, olho no judeu, e olho no pagem, inchava as ventas, e sorvia com delicias o cheiro appetitoso. D. Zuleima, com a jornada, e com a magra pitanga de borça secca de uns foreiros usurarios, sentia-se capaz de engulir a forçura, a escudella, e o frade por cima para enchugar o estomago.

Sem cerimonia pôz-se á mesa e com a colher de faia, espetada no meio, mudou da escudella para o prato a terça parte do que a accugulava. O ar resolutivo e a voracidade, que exprimiam as feições do homem de Gallilea eram tão naturaes, que o Barbato esfriou. «Se o judeu deita as garras áquelles bons bocados,» murmurava dolorosamente, «é mais do que provavel passar eu a noite a roer o escarnido pesunho de um boi!»

A questão com tudo era seria. Os canones não brincavam no capitulo de comer e habitar com judeus. Os seculares, e muito mais os clerigos, que os transgredissem, viam a excommunhão suspensa como o raio de Deus sobre a cabeça. A fome e o ventre clamavam, que a excepção não mata a regra. A disciplina e a religião bradavam, que a quebra do preceito é tão criminosa por um como por dez. Entre a voz dos escrupulos e os gemidos do estomago, o leigo fez á barriga o sacrificio immenso de se contaminar na sociedade do ex-farizeu. «Sem ceia!» era o mote que rolava por entre os vágados de fraqueza que lhe estonteavam a cabeça. «Sem ceia!» O meu padre S. Bernardo não permitta tal escandalo!» a suprema agonia do dilemma, em que lhe estourava o

ventre de fome, ou a consciencia de terror, não se cortava senão por uma valente marrada nos canones, ou na ceia. Deu-a nos canones.

Mas antes armou-se da pallida resignação, que dá sabor aos actos de humildade ou de heroismo. Resistiu, calcou aos pés os deleites da carne, abençoou a occasião de offerecer a Deus as mortificações, e com um desaforo, digno dos seus nobres precedentes, teve a audacia de se empoleirar no pedestal, e novo Pedro Hermita de prégar a cruzada da abstinência. O velhaco, por instincto, adivinhava as modernas sociedades de «Temperança» britânica!

D. Zuleima é que estava seriamente enjoado dos momos beatos de sua caridade. Pouco lhe importava, que o frade comesse ou deixasse de comer; mas queria que as explicações previas acabassem depressa. Estava como os basbaques da galleria, que não reparando nas flôres de rhetorica parlamentar, praguejam pela ordem de dia, que se demora.

Aborrecido devéras, o rabino passou o «Rubicon,» enterrando os dedos no prato, e levando a meio caminho da bôca o primeiro bocado. O leigo cobriu-se de suores.

— «Não posso» respondia elle pela sexta vez ás instancias de Vasco Lourenço. «A nossa benta regra manda que os servos de Deus fujam do contacto immundo dos cães esfaimados, servos e adoradores do diabo.»

Ouvindo-se elogiar com tanta civilidade D. Zuleima embuxou á pressa o pão que mastigava; meio afogado ainda, e com os olhos accesos em raiva, exclamou:

— «O Santão mente. Cães são os nazarenos hypocritas como elle.»

— «Vasculho, serpente, sanguessuga dos christãos!» berrou o frade, fechando o punho, e escumando de cholera, «uma fogueira e uma camisa de pez era o que tu merecias, e não a regalada ceia, com que cévam a gulodice de um farizeu-escariote.»

— «Vae» bradou o judeu com desprezo, «vae ter com as filhas de perdição, com os almocreves de vinho, e com os tavoleiros-ladrões, odre de peccados e luxuria; e vê se elles te emprestam os vinte dinheiros, que me roubastes ha dous annos, vespera de S. Pedro, na ponte de Coimbra. Bem te conheço.»

— «Mentes, eu nunca roubei! . . .» gritou o leigo pallido de repente.

— «Para roubares tudo até roubaste á força e á justiga o corpanzil: e ao verdugo a boa corda de tres ramaes» replicou D. Zuleima com uma gargalhada triumphante.

O Barbato deu um rugido de fera, e atirou-se ao judeu, depenando-lhe as barbas. Mestre Zacarias, mais por medo, do que por defeza, esganou-lhe a garganta com ambas as mãos, pondo quasi azues as reverendas faces de sua caridade.

— «Os vinte dinheiros hão de te sair agora por essa guela do inferno, Lucifer com tunica de Santão.»

— «Larga-me, cão damnado! . . .» rugia o leigo meio enforcado.

Fernão Pires, Vasco Lourenço, e os serviaes, que esta scena divertia, como é de supôr, separaram os athletas, que de longe se ameaçavam, ainda esgremindo injurias em vez de punhadas.

— «E não ha uma fogueira para a centopeia, que se atreve a babar de calumnias o habito de S. Bernardo!»

— «Eram vinte dinheiros . . .» interrompia o judeu. «Vinte digo eu! vinte e dous e tres me-lhas . . .»

— «Vinte çafados e tortos!» berrou o frade com ira. «O judeu mente!»

— «Confessa, confessa!» gritava D. Zuleima em voz de stentor. Gargalhadas e acclamações applaudiram o cinismo do Barbato, e o enthusiasmo do judeu.

Satisfeito com esta victoria o rabino metteu a mão no prato, e dispoz-se a aproveitar o tempo perdido. Fr. Muninho deu dous passos para a mesa, e fez umas momices lacrimosas, exclamando: «Antes um bocado de pão negro! . . . É contra a nossa regra.»

O judeu parou. E Fernão Pires, em quanto elle fica de mão alçada e com um naco de forçura nos dedos, chegou-se ao leigo, dizendo-lhe o que se verá no seguinte capitulo.

(Continúa.)

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECULO XV.

I.

SE a verdade e a fabula andaram por tantos seculos de parceria, agora bastam um momento de reflexão, e alguma luz de boa critica, para discriminar uma da outra. Tudo nos diz que não ha procurar no mundo real o que a imaginação creou nas regiões da poesia: «tudo nos adverte (*com Malte-Brun*) que deixamos as regiões da verdade, e que é tempo de cerrar ouvidos aos cantos da seréa.»

A respeito da possibilidade da navegação do oceano Atlantico, tinham os antigos varias e encontradas opiniões. Uns, vaga e desultoriamente o criam navegavel, como Seneca, que para si tinha, que em poucos dias com vento favoravel se podia ir da Hespanha á India; outros, por fundamentos diversos, votavam a impossibilidade de navegações no Atlantico. D'estes, a uns infundia o oceano uma especie de horror sagrado, crendo que o sol ao pôr-se se mettia n'elle com ruido semelhante ao que na agua produz o ferro em braza: aos Iberos attribue Cleomedes esta opinião, que Posidonio parece confirmar, dando-se ao trabalho de a refutar. Fallam d'ella proxima ou remotamente Epicuro, Floro, Avieno, Virgilio, Seneca (*Tragico*, Valerio-Flacco, Juvenal, Stacio, e Ausonio). Outros julgavam invencivel embaraço á navegação e communicação do Atlantico com o Indico, a grandeza e solidão do primeiro; de que dão testemunho Eratosthenes e Strabão. Scylax, Plutarcho, Aristoteles, e Theophrasto, julgam que pouca profundidade, lodo, e plantas maritimas (*sargaço*) faziam o Atlantico innavegavel, ao que parece referir-se Herodoto fallando da viagem de Sataspes, e dizendo que por lhe ter sido retido o navio não pudera proseguir na circumnavegação de Africa. Outros, como Seneca (*o Rhetorico*), Plinio, Tacito, Plutarcho, Solino, e Dionizio (*o Periegeta*) assentam, que se oppunha á navegação do oceano a sua immobildade, que se não podia vencer por causa do lodo, carencia de ventos, e outras circumstancias, como figuras terriveis, cousas portentosas, luz confusa pela grande escuridade, falta de estrellas que servissem de guia no caminho, ou desconhecimento das que havia, chuveiros, etc. Finalmente outros escriptores, e com elles Pedro Albinovano, e Avieno, de todas as precedentes opiniões fazem uma como eclectica, juntando-lhe a idéa de multidão de monstros marinhos, que aterravam os navegantes, e lhes faziam olhar o Atlantico como impossivel de na-

vegar-se. Sobre isto escreve comprovada uma mui interessante nota (I) o sr. Costa de Macedo na sua Memoria sobre as Canarias.

Do que fica dito se infere que a opinião geralmente seguida na antiguidade foi que a navegação do alto Atlantico era impossivel, vindo d'ahi a concluir-se, que os antigos, que não julgavam possivel navegar-se no alto mar oceano, muito menos podiam ter o menor conhecimento real, nem ainda apprehensão da existencia das ilhas só muitos seculos depois descobertas pelos portuguezes.

O facto de apparecerem na carta antiga em mais alto mar ilhas que em verdade ficavam immediatas ás costas continentaes, podendo induzir a crer que então se faziam navegações maiores, é erro que nasce da falsa e arbitraria interpretação, que então cada qual dava aos itinerarios. As navegações de maior curso dos antigos foram as dos cartaginezes, que privados do socorro da bussula se não afastaram jámais da vista das costas continentaes. O testemunho de Lactancio por si só fecha e resume tudo quanto a respeito da impossibilidade da navegação atlantica n'este nosso primeiro periodo pudera dizer-se.

Seja-nos licito terminar esta primeira parte do nosso trabalho com palavras do sabio geographo Gossellin. « Os itinerarios de Hannon, Scylax, Polybio, Stacio Seboso e Juba, as relações de Platão, Aristoteles, Plinio, Plutarcho, e taboas de Ptolomeu, tudo nos conduz aos mesmos resultados, a despeito de suas dissimilhanças, contradicções apparentes, diversidade de nomes, e duplicidade de empregos: tudo nos parece formar (*de scem os conhecimentos dos antigos sobre as bordas do oceano muito mais circumscriptos do que se tem pensado até agora*) uma serie de provas tanto mais concludentes, quanto a disposição physica dos logares se junta aos outros testemunhos, para fixar o ponto onde os antigos navegantes foram constrangidos a deter-se. De um lado um mar immenso, impraticavel sem o concurso da bussula; do outro correntes, que se cruzavam nas immediações do cabo Bojador, e quebravam com violencia extrema sobre uma costa arida e ardente, interromperam o progresso de suas descobertas, opondo-lhes obstaculos que nunca puderam vencer. »

JOSÉ DE TORRES.



ILHA DE JAVA — TEMPLO MCETERON.

A algumas milhas além de Tjéribon, uma das mais antigas sédes do poder da Hollanda em Java, atravessa-se sobre uma ponte o rio Pamali, que separa as duas raças indica e javaneza propriamente dita,

e avista-se uma vastissima planicie terminada pela cordilheira do Hamat. As faldas da montanha são cobertas de plantações de chá e de café.

Descobrem-se ali os restos de esculpturas indicas,

e as ruínas de Madjapohis, o imperio javanez, de civilisação indica, que teve mais larga influencia politica, e uma vida mais florescente, senão mais longa; porque, tendo sido fundado em 1237 (da era javaneza, que se diz começar no anno 78 ou 74 depois de J. C.) succumbiu em 1400. Estas ruínas tiveram a sorte que tem tido muitas outras; serviram como de pedreiras e depositos de tijollo. A estrada de Sourabaya a Modjokesta foi calçada com os seus despojos, e com elles se levantaram alguns dos engenhos de assucar proximos. O primeiro monumento que se encontra em Madjapohis é uma vasta mole quasi informe, em que a final se observam os restos de uma porta, de certo a de algum palacio, como parecem indicá-lo as suas proporções, e o seu antigo nome *Gapuro Gapi* (porta real); um dos pilares mede ainda 48 pés de altura, e o outro 28; tem 12 pés de abertura. Esta fabrica é, na maxima parte, feita de grandes tijollos sobrepostos, e sem argamassa. Há ainda outros monumentos semelhantes; o tijollo é o material n'elles empregado de preferencia. Depois d'este, que mencionamos, segue-se o *Tjandi Branon* (templo da cinza e da poeira) mole pyramidal de 70 pés de altura, que interiormente contém uma sala quadrada de 18 pés de diametro; o *Sanggar Pamalangus*, montão confuso de pedras em que se distinguem algumas esculpturas frustras; o *Badjang Noton*, edificio quadrado com cêrca de 30 pés de altura, sobrepujado de uma pyramide da mesma dimensão, e sobre a qual se notam muitas cabeças de Jiva ou Kala-hoofden, assim como um baixo relevo; este edificio parece ter tambem servido de entrada a um Kraton; varios tumulos, que se chamam *Trang Poulon* (claridade do luar); e finalmente o pequeno *Tjandi* (templo) *Mocteron*, que representa a gravura. Estes diversos monumentos, notaveis como recordação de nações hoje sepultadas no olvido mais profundo, distinguem-se pelo seu caracter differente do das diversas construcções indostanicas. Os *Tjandi* javanezes pertencem a epocha e ao estylo historico.

A SAUDOSISSIMA MEMORIA DA SERENISSIMA
PRINCEZA IMPERIAL

SENHORA D. MARIA AMELIA.

ELEGIA.

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,

O cheiro traz perdido, e a côr murchada:
Tal está morta a candida donzella,
Seccas do rosto as rozas, e perdida
A branca e viva côr co'a doce vida.

OS LUSIADAS, CANTO III, EST. 134.

Das bordas do sepulchro erguido ha pouco
Onde co'as descarnadas mãos a morte
As fauces apertando-me, o suspiro
Extremo ia a exhalar do anciado peito:
D'aquelles, para quem minha existencia
É d'aprego, os soluços escutando,
Os ais, o pranto; e as faces inundadas
De lagrimas sinceras já mal vendo
Com olhos, onde a luz ía a apagar-se:
Resignado em deixar esta de penas
Mais que de gózos, enganosa estancia,
Já de crimes theatro, já d'insanias,

Para mim o viver era um successo
Indifferente, e talvez afortunado;
(O desastre fatal, que hoje pranteio,
Em breve o meu talvez fez verdadeiro)
Até porque a velhice inerte e fria
A entorpecer-me os membros começava;
E nos olhos a luz já quasi extincta
Me privava de dar pasto aos sentidos
Co'a vista amena dos mimosos quadros
Da variada, risonha natureza;
De na leitura e escripta, dous mimosos
Meus passatempos, encontrar guarida
Da vida contra os intimos desgostos...

Ai!... Porque não uniste então, ó Parca,
Da tezoura os anneis, cortando o fio
D'esta hoje triste, amargurada vida?...
Porque poupastes, céus! esta existencia
Já sem vigor e quebrantada e inutil;
E acabaes de roubar, em flôr cortando
Uma tão cara e preciosa vida
Ao coração materno, a Lysia inteira,
Na ausencia d'Ella lagrimas de sangue
Luctuosa vertendo, inconsolavel?...
Quem de longa morada sobre a terra
Era mais digna do que a prole augusta
Do thalamo nupcial de Pedro e Amelia?...

De saudade vivissima pungido,
Esmoreço, das mãos me cêe a penna
Ao tentar escrever da alta princeza
O idolatrado, o respeitado nome:
Gosei de ser seu mestre a honra excelsa,
E pude bem medir a altura immensa,
Até onde se erguia o engenho, o gosto.
Com que sabia dar aprego ao bello
Das litterarias producções que enfeitam
O campo do saber ameno e puro.
Vasto, profundo estudo lhe adornava
O espirito gentil co'a variada
D'altas sciencias copiosa mêsse.
Nas artes-bellas que immortaes fizeram
D'Apelles e d'Orphêo na Grecia os nomes;
E na Europa moderna ao summo ergueram
Da gloria um Raphael, e um Litz, preclaros.
Quem podia igualar Esta das musas
Nove e d'Apollo sabedora alumna?

Mas quão mais rico, divinal thesouro
O seu lhe ornava coração, modêlo
D'angelicas virtudes sobre a terra!...
Quem no amor filial, ou quem no esmero,
Com que estudava n'um volver dos olhos,
N'um simples gesto os maternas dictames.
Todos modestia e honestidade e sizo,
Poderia jámais equiparar-se
Áquella, que no céu hoje morando,
É caro objecto de geral saudade?
Ou quem, sem a menor quebra da excelsa,
Que herdou do berço, magestade augusta,
Mais se mostrava affavel, carinhosa
Com quantos de A tratar a honra gosavam?...
Era, do céu descido á terra, um anjo
Do Omnipotente por eximia graça,
Para aos que a dita de a servir tivessem,
Dar das prendas, que adornam os do Empyreo,
Espiritos gentis habitadores.
Uma justa e fiel e clara idéa.

É perola de tão subido preço
Foi ao mundo roubada, quando apenas
Contava lustros quatro além de um anno!...
Ephemera bonina, aos dos Favonios
Assagos escondida, o Aquilo duro
Poude c'os sópros seus rude murchal-a?!
Ou, com intempestiva mão colhida

Por travêssa menina, a còr, o arôma
Perder tão cedo, e desbotar, finir-se?!
E eu vivo ainda! eu carcomido tronco
Pela força dos annos gastadores,
A quem nem já da Primavera o influxo,
Tão vivaz para toda a natureza,
Faz pelo duro, resequido lenho
A seiva circular animadôra!...

Triste de mim!... Que valho eu sobre a terra!
Eu, que contava ouvir, não vêr; que as trévas
Da opaca noite já meus olhos cobrem,
Que ouvir contava em extasis de gosto
Da princeza adorada as glorias cento
Do alto saber, talentos e virtudes,
Que o coração, e o espirito lhe ornavam!
Mas hoje, malograda esta esperança
Co'a ausencia eterna do saudoso objecto,
Que apêgo posso ter ainda á vida,
A um viver triste, que arremeda a morte?

Céus! levae-me tambem da terra, alçae-me
Dos justos á mansão, onde entre coros
Angelicos habita em paz perpetua,
Em gôsos ineffaveis engolfada,
Aquella alma purissima, que o mundo
Preverso em si conter não merecia...

Mas quem consolará na ausencia acerba
Do unico fructo da ternura sua,
Dos seus desvellos o mais dôce enlevo,
A mãe saudosa, que desfeita em pranto,
Aos decretos do céu submissa embora,
Com firmeza christã, piedoso heroismo,
De accusar ainda assim deixar não pôde
A sorte adversa, que a persegue ha tanto?...

Dos dous mundos ao heroe com lago estreito
Em bem fadado, no julgar das gentes,
Alto consorcio unida em verdes annos;
Quem ousára prever de desventuras
O que a sorte lhe urdiu, tecido escuro?...
Antes de giros dous do sol volvidos
Na egyptica estrada, ao throno, á nova
Patria, que com lustrosas pompas tantas
Eu a vi receber extasiado,
Forçada foi a dar um adeus eterno.

As da victória palmas empunhando,
Cingida a fronte de virentes louros,
Qual victima de flôres adornada,
Em curto espaço viu cair o esposo,
O esposo idolatrado, entre os horrores
Do tumulto voraz; e eis negro lucto
De triste viuvez a cinge, a cobre.

A mãe fagueira, e irmãos no mesmo abysmo
Sentiu dentro cair da Eternidade;
E as dôres mais crueis, as mais pungentes
O mui sensivel peito lhe rasgaram.

Mas a taça do fel escuro e amargo,
Não de todo exgotada, lhe aguardava,
Para o beber, asperrimo veneno:
Da filha cara sua, unico esteio
De tão penosa, turbulenta vida,
Esta mãe infeliz hoje privada,
Céus! que lhe resta já, que amargural-a
Inda mais possa?... Ao vê-la ante os seus olhos
Soltar dos labios o ultimo suspiro,
Do martyrio exgotou as negras fézes,
Da desgraça tocou o ponto extremo;
A' vida tem horror, anhella a morte,
A morte, do infeliz unico abrigo...

Mas não, matrona excelsa, prole augusta,
Da mais viçosa, florescente stirpe,
Não consummaes na dôr vossa existencia;
Se ella da filha vossa, alta princeza,
Por desgraça fatal já empregar-se

Nos dôces maternaes mimos não pôde,
Saudoso emprego dos volvidos annos;
Nas infelizes, pobres creancinhas,
De quem sois protectora e mãe e amparo,
Bem como em outros miserandos entes,
Que a vossa, tristes, piedade imploram,
Como até agora, dedicae-a assidua;
Elles, comigo, em lagrimas desfeitos
A sua choram orfandade, e a vossa
Em tão sentida, luctuosa perda,
Que a Lysia inteira lagrimas arranca:
Bem sei, não precisaes, que a taes virtudes
Vos excitem meus rogos; em vós mesma,
No vosso coração os desditosos
Um melhor, do que eu sou, patrono encontram;
E Aquella, que no céu hoje morando,
Entre os coros angelicos entôa
Ao Ser Eterno perennaes louvores,
Por sua cara mãe, que tão saudosa
Cá na terra deixou, por mim, por quantos
De a servir a ventura possuimos,
Ao cordeiro sem mancha, entre os arômas
De puro incenso sem cessar offerta
As mais proficuas, fervorosas preces:
De lá com divinal sorriso olhando
Para nós todos, nos acêna e intima
Mitiguemos a dôr nossa, e lhe honremos
Com virtuosas acções sua memoria.
De lá tambem nos diz: «Se qual bonina
«Cortada antes de tempo, as mui caducas
«Bellezas corporaes, do rosto as rosas
«E a candidez perdi; e hoje o sepulchro
«Pallido e frio o corpo meu encerra:
«Se honras imperiaes perdi: se acaso,
«A assentar-me n'um throno destinada,
«Não cheguei a cingir real corôa
«Nesse theatro d'illusões mesquinhas:
«Da graça divinal mais bella e pura
«Hoje vestida e ornada, mais formosa
«Sou do que o fui jámais, em quanto a capa
«D'impuro barro a alma me cingia:
«E um reino e imperio mais, que esses da terra
«Magestoso, opulento, aqui possuo;
«Do Eterno a vista me compensa tudo
«Com sempiterna, immarcescivel gloria:
«Cessem pois de chorar-me os meus, e todos,
«E por igual gosar ventura anhellem.»

Sim, adorada, quanto respeitada,
Ou morando entre nós, ou já no Empyreo,
Das puras virgens ao consorcio unida,
Sobre a terra princeza, e além dos astros
Do Sempiterno Ser sacerdotiza;
Todos que honrastes co'a ternura vossa,
Approvam, seguem as doutrinas santas,
Que do céu lhes dictaes: sinceros crentes
D'uma vida immortal além da morte
No Dogma salutar; contam na patria
Dos justos ir morar comvosco um dia
Em perpetua união: ali seu termo
A dôr terá então, que hoje crucia
Seus corações, de vós tão saudosos...

Do meu estro apagou ultimos fachos
A mais pungente dôr: adeus, ó musas,
Nunca mais ouvireis soar meu canto;
Quero em choro acabar meus tristes dias,
Dias mais tristes, que as nocturnas trévas,
Porque os enlucta, os entristece, e enoita
Com seu atro, mortifero veneno
A peçonhenta hydra da saudade.

1.º d'abril de 1853.

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO.

BANCAS QUE SE MOVEM PELA ELECTRICIDADE.

VAMOS dar hoje conhecimento aos nossos leitores de um phenomeno extraordinario, que occupa actualmente a Europa, e a America, d'onde é originario.

A imprensa de todos os paizes tem posto de parte as graves questões da politica para dar acolhimento e bom gasalhado á discussão d'este grande acontecimento, que prepara talvez uma revolução na sciencia e na philosophia.

Professores distinctos d'Allemanha assistem ás experiencias, e passam certificados, (que são no dia seguinte insertos por todos os jornaes,) em que confessam o bom exito, e a veracidade do caso. Outros procuram estudar a origem do phenomeno, e explicar a sua natureza; e entre elles conta-se nada menos que o afamado Humboldt.

Em Allemanha é a idéa dominante do dia; repetem-se experiencias em toda a parte; nas casas particulares, nos cafés, etc. etc.

E essas experiencias não são de feito difficeis; cada qual as póde fazer em sua casa, com os seus amigos, e com pessoas de ambos os sexos, o que é ainda mais apreciavel.

Para esse fim toma-se uma mesa de madeira polida, que não seja demasiadamente pesada; assentam-se em roda seis ou mais pessoas, homens e senhoras, segundo a grandeza da banca o permittir; collocam as mãos sobre a banca, formando uma cadêa, de maneira que o dedo minimo da mão direita de cada parceiro assente sobre o dedo minimo da mão esquerda do seu visinho; as mãos do mesmo individuo não se devem tocar; nem os braços ou parte alguma do corpo se ha de encostar á banca; convem evitar cuidadosamente o contacto, assim com os parceiros, como com pessoas estranhas ás que pretendem realisar a experiencia. A banca assenta-se sobre um tapete de lã.

Collocados assim, e á maneira que n'estes dedos correr mais ou menos fluido electrico, ou que n'estes corpos houver um fóco mais ou menos energico, assim em mais ou menos tempo a banca começará a mover-se, a girar, a andar e a saltar.

Talvez acheis isto absurdo e impossivel. Podeis desenganar-vos por vossas proprias mãos, e achareis então que é tão veridico o successo que apontámos, como nol-o asseveram muitos jornaes e brochuras, que temos presentes.

O *Table-moving* nasceu na America; depois passou a Allemanha, d'onde tem lavrado para a Belgica, Hollanda, França, Hespanha, etc. etc.

Eis-aqui como um jornal belga narra os primeiros ensaios que se fizeram em Bruxellas.

«Estava uma tarde no *Circo artistico* um allemão que tinha lido na *Gazeta de Colonia* a descripção d'aquelle phenomeno importado da America. Havia alguns dias que não fallava senão no *Tischrúchen*; mas quanto mais elle engrandecia o caso, mais incredulos achava. Esfalfava-se a dizer que já se tinha feito uma experiencia em casa de um bem conhecido artista de Bruxellas, e que fôra corôada do mais feliz resultado. Mas ninguem queria acreditar ao pobre do homem; e alguns até já começavam a ter dó d'elle, julgando-o victima de uma grande *mystificação*.

«Finalmente a curiosidade levou uns poucos a tentar a experiencia.

«Cinco pessoas, entrando o nosso allemão, se assentaram em roda de uma pequena mesa; cercava-as um grande concurso de espectadores; graves magistrados, militares, advogados, musicos, litteratos; mancebos e velhos, mas todos igualmente scepticos.

«Quando se assentaram marcava a pendula nove horas e meia. Até ás dez horas não se notou effeito algum; e parte dos experimentantes começava a descorçoar. Havia trinta e cinco minutos, quos cincoenta dedos se apoiavam immoveis e adormecidos sobre a banca. O allemão já tambem começava a perder o animo.

«De repente, depois de um grande intervallo de silencio, quarenta olhos se arregalaram, e vinte vozes exclamaram ao mesmo tempo: *Ella move-se!*

«Uns affirmavam, outros negavam; alguns até esqueceram-se de olhar para poder discutir.

«N'esta confusão um artista teve uma feliz idéa. Foi buscar um pouco de giz do bilhar, e desenhou no pavimento um circulo na circumferencia em que estavam os pés da banca. Passados dous minutos, a banca levantou-se de um lado, e caiu com força.

«Já ninguem ria. Cinco minutos depois estava duas pollegadas além do circulo traçado, e girava totalmente sobre os quatro pés.

«A experiencia poderia continuar por muito tempo, se algumas das pessoas que formavam a cadêa não se sentissem já cançadas.

«Difficilmente se poderá avaliar a sensação que este ensaio produziu nos circumstantes. Quasi que não havia incredulos. O allemão ficou victorioso!»

Não duvidámos que este phenomeno venha produzir uma grande revolução na sciencia.

A sciencia regenerada devemos nós essas descobertas que todos os dias abrem novos horisontes aos pensadores.

«O céu e a terra,» disse Hamlet a Horatio, «contêm em si mais mysterios do que os vossos philosophos imaginam.»

Com effeito nenhum dia se passa sem que um novo Moysés, guiado pela Providencia, não faça brotar do rochedo a onda limpida de alguma verdade desconhecida.

G. CHAVES.

— Não ha nada mais contrario aos fins da sociedade, que as paixões politicas. A sociedade foi instituida para unir os homens; e as paixões politicas são as forças que os desunem; são as tempestades que os dispersam.

— A justiça é a alma da sociedade; e assim como o corpo se dissolve quando a alma se retira, a sociedade perece quando d'ella se retira a justiça.

BASTOS — MEDITAÇÕES.

RECTIFICAÇÃO. — A pag. 157, col. 1.^a, lin. 21, onde está *infancia*, lêa-se *infamia*.

Acha-se á venda no armazem de livros do editor do *Panorama*, rua do Ouro, n.^{os} 227 e 228, o tomo 1.^o das **Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage**, collegidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva: e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. Contêm mais de 450 paginas, de 8.^o francez: — preço, para os senhores subscriptores, pago á entrega do volume, 600 rs.; avulso 720 rs.

Os tomos seguintes publicar-se-hão successivamente, ficando a obra completa no anno corrente de 1853.